

X

### AO ENCONTRO DO MESTRE

A's vésperas da partida em busca da gentildade espanhola, eis que o Apóstolo recebe uma carta proveniente de Simão Pedro. O ex-pescador de Cafarnaum escrevia-lhe de Corinto, avisando sua próxima chegada á cidade imperial. A missiva era afetuosa e enternecedora, cheia de confidencias amargas e tristes. Pedro confiava ao amigo suas derradeiras desilusões na Asia e mostrava-se vivamente interessado pelo que lhe sucedera em Roma. Ignorando que o ex-rabino fôra restituido á liberdade, procurava confortá-lo fraternalmente. Tambem ele, Simão, deliberara exilar-se junto dos irmãos da metrópole imperial, esperando ser util ao amigo, em quaisquer circunstancias. Ainda no mesmo documento intimo, rogava aproveitasse o portador para comunicar aos confrades romanos o proposito de se demorar algum tempo entre eles.

O convertido de Damasco leu e releu a mensagem amiga, altamente sensibilizado.

Pelo emissário, irmão da igreja de Corinto, foi avisado de que o venerando Apóstolo de Jerusalém chegaria ao porto de Ostia dentro de dez dias, mais ou menos.

Não hesitou um momento. Lançou mão de todos os meios ao seu alcance, preveniu os íntimos e preparou uma casa modesta, onde Pedro pudesse alojar-se com a família. Criou o melhor ambiente para a recepção do respeitavel companheiro. Valendo-se do argumento

de sua próxima excursão á Espanha, dispensava as dádivas dos amigos, indicando-lhes as necessidades de Simão, para que nada lhe faltasse. Transportou quanto possuía, em objetos de uso doméstico, do singelo aposento que alugara junto á porta Lavernal para a casinha destinada a Simão, proximo dos cemitérios israelitas da Via Appia. Esse exemplo de cooperação foi altamente apreciado por todos. Os irmãos mais humildes fizeram questão de oferecer pequeninas utilidades ao Apóstolo venerando que chegaria desprovido.

Informado de que a embarcação entrava no porto, o ex-rabino largou-se pressurosamente para Ostia. Lucas e Timóteo, sempre em sua companhia, junto de outros cooperadores devotados, o amparavam nos pequenos accidentes do caminho, dando-lhe o braço, aqui e ali.

Não fôra possível organizar uma recepção mais ostensiva. A perseguição surda aos adeptos do Nazareno apertava o cêrco por todos os lados. Os últimos conselheiros honestos do Imperador estavam desaparecendo. Roma assombrava-se com a enormidade e quantidade de crimes que se repetiam diariamente. Nobres figuras do patriciado e do povo eram vítimas de atentados cruéis. Atmosfera de terror dominava todas as atividades politicas e, no cômputo dessas calamidades, os cristãos eram os mais rudemente castigados, em vista da atitude hostil de quantos se acomodavam com os velhos deuses e se regalavam com os prazeres de uma existencia dissoluta e facil. Os seguidores de Jesus eram acusados e responsabilizados por quaisquer dificuldades que sobrevinham. Se caía uma tempestade mais forte, devia-se o fenómeno aos adéptos da nova doutrina. Se o inverno era mais rigoroso, a acusação pesava sobre eles, porquanto, ninguem como os discipulos do Crucificado havia desprezado tanto os santuários da crença antiga, abominando os favores e os sacrificios aos numes tutelares. A partir do reinado de Claudio, espalhavam-se lendas torpes a respeito das práticas cristãs. A fantasia do povo, ávido das distribuições de trigo nas grandes festas do cêrco, imaginava situações inexistentes, gerando conceitos extravagantes e absurdos, com relação aos crentes

do Evangelho. Por isso mesmo, desde o ano de 58, os cristãos imbeles eram levados ao circo como escravos revolucionários ou rebeldes, que deveriam desaparecer. A opressão agravava-se dia-a-dia. Os romanos mais ou menos ilustres, pelo nome ou pela situação financeira, que simpatizavam com a doutrina de Cristo, continuavam indenes de publicos vexames; mas os pobres, os operários, os filhos da plebe eram levados ao martírio, às centenas. Assim que, os amigos do Evangelho não prepararam nenhuma homenagem pública á chegada de Simão Pedro. Ao envés, procuraram dar ao fato um cunho todo íntimo, de maneira a não despertar represálias dos esbirros da situação.

Paulo de Tarso estendeu os braços ao velho amigo de Jerusalém, tomado de alegria. Simão trouxera a esposa e os filhos, além de João. Sua palavra generosa estava cheia de novidades para o Apóstolo do gentilismo. Em poucos minutos, ficou sabendo da morte de Tiago e das novas torturas infligidas pelo Sinhedrio á igreja de Jerusalém. O velho pescador contava as últimas peripécias da sua sorte, bem humorado. Comentava os testemunhos mais pesados com um sorriso nos lábios e intercalava toda a narrativa de louvores a Deus. Depois de reportar-se ás lutas que empenhara em muitas e repetidas peregrinações, contava ao ex-rabino que se refugiara alguns dias em Éfeso, junto de João, sendo acompanhado pelo filho de Zebedeu até Corinto, onde resolveram demandar a capital do Império. Paulo, por sua vez, relatou as tarefas recebidas de Jesus, nos últimos anos, e era de ver-se o otimismo e a coragem desses homens que, inflamados do espírito messianico e amoroso do Mestre, comentavam as desilusões e as dores do mundo como láureas da vida.

Depois das suaves alegrias do reencontro, o grupo se encaminhou discretamente para a casinha reservada a Simão Pedro e sua família.

O ex-pescador sentindo a excelencia da acolhida carinhosa, não encontrava palavras para traduzir os júbilos d'alma. Como Paulo quando chegou a Pouzsoles, tinha a impressão de estar num mundo diferente daquele em que vivera até então.

Com a sua chegada, recrudesceram os serviços apostólicos; mas o prégador do gentilismo não abandonou a idéia de ir á Espanha. Alegando que Pedro o substituiria com vantagem, deliberou embarcar no dia prefixado, num pequeno navio que se destinava á costa gauleza. Não valeram amistosos protestos, nem mesmo a insistencia de Simão para que adiasse a viagem. Acompanhado de Lucas, Timóteo e Demas, o velho advogado dos gentios partiu ao amanhecer de um dia lindo, cheio de projetos generosos.

A missão visitou parte das Galias, dirigindo-se ao território espanhol, demorando-se mais na região de Tortosa. Em toda parte, a palavra e feitos do Apóstolo ganhavam novos corações para Cristo, multiplicando os serviços do Evangelho e renovando as esperanças populares, á luz do Reino de Deus.

Em Roma, todavia, a situação prosseguia cada vez mais grave. Com a perversidade de Tigelinus á frente da Prefeitura dos Pretorianos, acentuara-se o terror entre os discípulos de Jesus. Faltava somente um edicto em que os cidadãos romanos, simpatizantes do Evangelho, fossem condenados publicamente, porque os libertos, os descendentes de outros povos e os filhos da plebe já enchiam as prisões.

Simão Pedro, como figura de relêvo do movimento, não tinha descanso. Não obstante a fadiga natural da senectude, procurava atender a todas as necessidades emergentes. Seu Espírito poderoso sobrepunha-se a todas as vicissitudes e desempenhava os mínimos deveres com devotamento máximo á causa da Verdade. Assistia aos doentes, prégava nas catacumbas, percorria longas distancias, sempre animoso e satisfeito. Os cristãos do mundo inteiro jamais poderão esquecer aquela falange de abnegados que os precedeu nos primeiros testemunhos da fé, afrontando situações dolorosas e injustas, regando com sangue e lágrimas a sementeira do Cristo, abraçando-se mutuamente confortados nas horas mais negras da história do Evangelho, nos espetáculos hediondos do circo, nas preces de aflição que se elevavam dos cemitérios abandonados.

Tigelinus, grande inimigo dos prosélitos do Nazare-

no, buscava agravar a situação por todos os meios ao alcance da sua autoridade odiosa e perversa.

O filho de Zebedeu preparava-se para regressar á Asia, quando um grupo de esbirros dos perseguidores o colheu em prégação carinhosa e inspirada, na qual se despedia dos confrades de Roma, com exortações de tocante reconhecimento a Jesus. Apesar das atenciosas explicações, João foi preso e esbordado impiedosamente. E com ele, dezenas de irmãos foram trancafiados nos cárceres imundos do Esquilino.

Pedro recebeu a notícia dolorosamente surpreendido. Conhecía a extensão dos trabalhos que aguardavam na Asia o companheiro generoso e rogou ao Senhor não o abandonasse, a-fim-de obter absolvição justa. Como proceder em tão difíceis circunstancias? Recorreu ás relações prestigiosas que a cidade lhe oferecia. Entretanto, seus afeiçoados eram igualmente pobres de influencia política nos gabinetes administrativos da época. Os cristãos de posição financeira mais destacada não ousavam enfrentar a onda avassaladora de perseguição e tirania. O antigo chefe da igreja de Jerusalém não desanimou. Precisava libertar o amigo, concorrendo, para isso, com todo potencial de energia, na esfera de suas possibilidades. Compreendendo a timidez natural dos romanos simpatizantes de Cristo, buscou reunir apressadamente uma assembléia de amigos intimos, para examinar o caso.

No meio dos debates alguém se lembrou de Paulo. O apóstolo dos gentios dispunha na capital do Império de grande número de afeiçoados eminentes. No caso da sua absolvição, a providencia partira do círculo dileto de Popéia Sabina. Muitos militares colaboradores de Afranius Burrus, eram seus admiradores. Acácio Domitius, que dispunha de valiosos empenhos junto dos pretorianos, era seu amigo dedicado e incondicional. Ninguém melhor que o ex-tecelão de Tarso poderia incumbir-se da delicada missão de salvar o prisioneiro. Não seria razoavel pedir sua ajuda? Comentava-se o caracter urgente da medida, mesmo porque, numerosos cristãos morriam todos os dias na prisão do Esquilino, vítimas das queimaduras de azeite fervente. Tigelinus

e alguns comparsas de administração criminosa distraíam-se com as súplicas das vítimas. O azeite era lançado aos infelizes no poste do martírio. Outras vezes, os prisioneiros manietados eram mergulhados em grandes barrís de agua em ebulição. O Prefeito dos Pretorianos exigia que os correigionarios assistissem ao suplicio, para escarmento geral. Os encarcerados acompanhavam as tristes operações, banhados em pranto silencioso. Verificada a morte da vítima, um soldado se encarregava de lançar as vísceras aos peixes famintos, nos tanques vastos das prisões odiosas. Dada a situação geral, apavorante, poder-se-ia contar com a intervenção de Paulo? A Espanha ficava muito distante. Era possivel que a sua vinda não aproveitasse ao caso pessoal de João. Pedro, porém, considerou a oportunidade do recurso e advertiu que seguiriam trabalhando a favor do filho de Zebedeu. Nada impedia, porém, de recorrer desde logo para o prestigio de Paulo, ainda porque a situação piorava de instante a instante. Aquelle ano de 64 começara com terríveis perspectivas. Não se podia dispensar um homem enérgico e resolutivo á frente dos interesses da causa.

Dado este parecer do venerando Apóstolo de Jerusalém, a assembléia concordou com a medida aventada. Um irmão que se tornara devotado cooperador de Paulo, em Roma, foi mandado á Espanha, com urgência. Esse emissário era Crescencio, que saiu de Ostia, com enorme ansiedade, levando a missiva de Simão.

O Apóstolo dos gentios, depois de muito peregrinar demorava-se em Tortosa, onde conseguira reunir grande número de colaboradores devotados a Jesus. Suas atividades apostólicas continuavam ativas, conquanto atenuadas, em virtude do cansaço fisico. O movimento das epístolas diminuira mas não se interrompera de todo. Atendendo á necessidade das igrejas do Oriente, Timóteo partira da Espanha para a Asia, carregado de cartas e recomendações amigas. Em tórno do apóstolo agrupava-se novo contingente de cooperadores diligentes e sinceros. Em todos os recantos, Paulo de Tarso ensinava o trabalho e a renúncia, a paz da consciencia e o culto do bem.

Quando planejava novas viagens na companhia de Lucas, eis que surge em Tortosa o mensageiro de Simão.

O ex-rabino lê a carta e resolve regressar á cidade imperial, imediatamente. Através das linhas afetuosas do velho amigo, entreviu a gravidade dos acontecimentos. Além disso, João necessitava voltar á Asia. Não ignorava a influencia benéfica que ele exercia em Jerusalém. Em E'feso, onde a igreja se compunha de elementos judáicos e gentios, o filho de Zebedeu fôra sempre um vulto nobre e exemplar, indene de espirito sectarista. Paulo de Tarso passou em revista as necessidades do serviço evangélico entre as comunidades orientais, e concluiu pela urgencia do regresso de João, deliberando intervir no assunto sem perda de tempo.

Como de outras vezes, nada valeram as considerações dos amigos, no tocante ao problema de sua saúde. O homem enérgico e decidido, apesar dos cabelos brancos, mantinha o mesmo ânimo resolutivo, elevado e firme, que o caracterizava na mocidade distante. Favorecido pela grande movimentação de barcos, nos princípios de maio de 64, não lhe foi difficil retornar ao porto de Ostia, junto dos companheiros.

Simão Pedro recebeu-o enternecido. Em poucas horas o convertido de Damasco conhecia da situação intoleravel criada em Roma pela ação delituosa de Tigelinus. João continuava encarcerado, apesar dos recursos levados aos tribunals. O antigo pescador de Cafarnaum, em significativas confidencias, revelava ao companheiro que o coração lhe pressagiava novas dores e testemunhos cruciantes. Um sonho profético annunciava-lhe perseguições e provas ásperas. Numa das ultimas noites, contemplara um quadro singular, em que uma cruz de proporções gigantescas parecia envolver com sua sombra toda a família dos discípulos do Senhor. Paulo de Tarso ouviu-o, com interesse, manifestando-se de inteiro acôrdo com os seus sentimentos. Apesar dos horizontes carregados, deliberaram uma ação conjunta para libertar o filho de Zebedeu.

Corria o mês de junho.

O ex-rabino desdobrou-se em atividades intensas,

procurou Acácio Domitius, solicitando a sua intervenção e valimento. Mais ainda: considerando que as providencias morosas poderiam redundar num fracasso, auxiliado por amigos eminentes procurou avistar-se com áulicos numerosos da côrte imperial, chegando á presença de Popéia Sabina, a-fim-de rogar seus bons officios, no caso do filho de Zebedeu. A célebre favorita ouviu-lhe a confidencia com enorme surpresa. Aquelas revelações de uma vida eterna, aquela concepção da Divindade assustavam-na. Embora inimiga declarada dos cristãos, dada a simpatia que mantinha pelo judaismo, Popéia impressionou-se com a figura ascética do apóstolo e com os argumentos de refôrço ao seu pedido. Sem ocultar sua admiração, prometeu atende-lo, apontando desde logo as providencias immediatas.

Paulo retirou-se esperançoso da absolvição do companheiro, porque Sabina prometera liberta-lo dentro de três dias.

Voltando á comunidade, deu ciencia aos irmãos da entrevista que tivera com a favorita de Nero; mas, terminada a exposição, notou, algo surpreso, que alguns companheiros reprovavam a sua iniciativa. Pediu, então, que o esclarecessem e justificassem quaisquer dúvidas. Surgiram fracas considerações que ele acolheu com a sua inexgotavel serenidade. Alegava-se que não era louvavel dirigir-se a uma cortezã dissoluta, para impetrar um favor. Semelhante proceder afigurava-se defeso a seguidores do Cristo. Popéia era mulher de vida notadamente dissoluta, banqueteara-se nas orgias do Palatino, caracterizava-se por sua luxúria escandalosa. Seria razoavel pedir-lhe proteção para os discípulos de Jesus?

Paulo de Tarso aceitou as mofinas arguições com beatifica paciencia e objetou sensatamente:

— Respeito e acato a vossa opinião, mas, antes de tudo, considero necessário libertar João. Fôsse eu o prisioneiro e não haveria de julgar o caso tão urgente e tão grave. Estou velho, alquebrado, e, portanto, melhor me fôra e mais util quiçá, meditar na misericordia de Jesus, através das grades do cárcere. Mas João está relativamente moço, é forte e dedicado; o Cristianismo

da Asia não pode dispensar-lhe a atividade construtiva, até que outros trabalhadores sejam chamados á sementeira divina. Com referencia ás vossas dúvidas, porém, cumpre-me aduzir um argumento que requer ponderação. Por que considerais impropria uma solicitação á Popéia Sabina? Terieis a mesma idéia, se me dirigissem á Tigelinus ou ao proprio imperador? Não serão eles vítimas da mesma prostituição que estigmatiza as favoritas de sua côrte? Se combinasse com um militar embriagado do Palatino as providencias imprescindíveis á libertação do companheiro, talvez aplaudissemos meu gesto, sem restrições. Irmãos, é indispensavel compreender que a derrocada moral da mulher, quasi sempre, vem da prostituição do homem. Concorde em que Popéia não é a figura mais conveniente ao feito, em virtude das inquietações da sua vida; entretanto, é a providencia que as circunstancias indicaram e nós precisamos libertar o devotado discípulo do Senhor. Aliás, procurei valer-me de semelhantes recursos, recordando a exortação do Mestre, na qual recomenda ao homem grandear amigos com as riquezas da iniquidade. Considero que quaisquer relações com o Palatino constituem expressões da fortuna iníqua, mas supponho util mobilizar os que se conservam "mortos" no pecado para algum ato de caridade e de fé, pelo qual se desliguem dos laços com o passado delituoso, auxiliados pela intercessão de amigos fiéis (1).

A elucidação do Apóstolo espalhou grande calma em todo o recinto. Em poucas palavras, Paulo de Tarso fizera ver aos companheiros transcendentales conclusões de ordem espiritual.

A promessa não falhara. Em três dias o filho de Zebedeu era restituído á liberdade. João estava abatidíssimo. Os maus tratos, a contemplação dos quadros terríveis do cárcere, a especiação angustiosa, haviam-lhe mergulhado o Espirito em perplexidades dolorosas.

Pedro regressava-se, mas o ex-rabino atento á tenção ambiente, sugeriu o regresso do apóstolo galileu á Asia, sem perda de tempo. A igreja de Efeso esperava-

(1) Lucas: 16: 9. — INota de EMMANUEL.

o. Jerusalém devia contar com a sua colaboração desinteressada e amiga. João não teve tempo para muitas considerações, porque Paulo, como que possuido de amargos pressentimentos, foi ao porto de Ostia para predispor o seu embarque, aproveitando um navio napolitano prestes a largar para Mileto. Colhido pelas providencias e impossibilitado de resistir ao resolutivo ex-rabino, o filho de Zebedeu embarcou em fins de junho de 64, enquanto os demais amigos permaneceriam em Roma para a boa batalha em pról do Evangelho.

Quanto mais sombrios os horizontes, mais coeso se tornava o grupo dos irmãos na fé, em Cristo Jesus. Multiplicavam-se as reuniões nos cemitérios distantes e abandonados. Naqueles dias de sofrimento, as prégações pareciam mais belas.

Paulo de Tarso e os cooperadores desdobravam-se em edificações espirituais, quando a cidade foi sacudida, de súbito, por espantoso acontecimento. Na manhã de 16 de julho de 64 irrompeu violento incendio nas proximidades do Grande Circo, abranjendo toda a região do bairro localizado entre o Celio e o Palatino. O fogo começara em vastos armazens repletos de material inflamavel e propagava-se com rapidez assombrosa. Debalde foram convocados os operários e homens do povo para atenuar-lhe a violencia; em vão a turba numerosa e compacta movimentou recursos para aliviar a situação. As labaredas subiam sempre, alastrando-se com furor, deixando montões de escombros e ruínas. Roma inteira acudia a ver o sinistro espetáculo, já empolgada pelas suas paixões ameaçadoras e terríveis. O fogo, com prodigiosa rapidez, deu volta ao Palatino e invadiu o Velabro. O primeiro dia findava-se com angustiosas perspectivas. O firmamento cobria-se de fumo espesso, iluminando-se grande parte das colinas com o clarão odioso do incêndio terrível. As elegantes construções do Aventino e do Célio pareciam árvores secas de floresta em chamas. Acentuara-se a desolação das vítimas da enorme catástrofe. Tudo ardia nas adjacencias do Fórum. Começou o êxodo com infinitas dificuldades. As portas da cidade congestionavam-se de pessoas tomadas de profundo terror. Animais espavoridos corriam

ao longo das vias públicas, como açoitados por perseguidores invisíveis. Prédios antigos, de sólida construção, ruíam com sinistro estrondo. Todos os habitantes de Roma desejavam distanciar-se da zona comburenta. Ninguém mais se atrevia a atacar a fogueira indômita. O segundo dia apresentou-se com o mesmo espetáculo inesquecível. Os populares desistiram de salvar alguma cousa; contentavam-se em poder enterrar os mortos sem conta, encontrados em local de possível acesso. Dezenas de pessoas percorriam as ruas em gargalhadas de horrível acento; a loucura generalizava-se entre as criaturas mais impressionáveis. Macas improvisadas conduziam feridos sem destino certo. Longas procissões invadiam os santuários para salvar as suntuosas imagens dos deuses. Milhares de mulheres acompanhavam a figura impassível dos numes tutelares, em dolorosas súplicas, fazendo votos de penosos sacrifícios, em vozes estentóricas. Homens piedosos apanhavam no remoinho das multidões estonteadas, as crianças massacradas ou apenas feridas. Toda a zona de acesso à Via Appia, em direção de Alba Longa, estava entupida de retirantes apressados e desiludidos. Centenas de mães gritavam pelos filhinhos desaparecidos e, não raro, tomavam-se providencias, á pressa, para socorrer as que enlouqueciam. A população em peso desejava abandonar a cidade, ao mesmo tempo. A situação tornara-se perigosa. A turba amotinada atacava as liteiras dos patrícios. Somente os cavaleiros desassombrados conseguiam romper a móle humana, provocando novas blasfemias e lamentações.

O fogo já havia devorado, quasi totalmente, os palacetes nobres e preciosos das Carinas e continuava destroçando os bairros romanos, entre os vales e as colinas, onde a população era muito densa. Durante uma semana, dia e noite, lavrou o fogo destruidor, espalhando desolações e ruínas. Das quatorze circunscricções em que se dividia a metrópole imperial, apenas quatro ficaram incólumes. Três eram uma aluvião de escombros fumegantes e as outras sete conservavam tão só alguns vestígios dos edificios mais preciosos.

O imperador estava em Antium, quando irrompeu

a fogueira por ele mesmo idealizada, pois a verdade é que, desejoso de edificar uma cidade nova com os imensos recursos financeiros que chegavam das províncias tributárias, projetara o incendio famoso, assim vencendo a opposição do povo, que não desejava a transferencia dos santuários.

Além dessa medida de ordem urbanística, o filho de Agripina caracterizava-se, em tudo, pela sua originalidade satânica. Presumindo-se genial artista, não passava de monstruoso histrião, assinalando a sua passagem pela vida pública com crimes indelévels e odiosos. Não seria interessante apresentar ao mundo uma Roma em chamas? Nenhum espetáculo, a seus olhos, seria inesquecível como esse. Depois das cinzas mortas, reedificaria os bairros destruidos. Seria generoso para com as vítimas da imensa catástrofe. Passaria á história do Império, administrador magnanimo e amigo dos súditos soffredores.

Alimentando tais propositos, combinou o atentado com os áulicos de sua maior confiança e intimidade, ausentando-se da cidade para não despertar suspeitas no espirito dos políticos mais honestos.

Entretanto, não pudera prever, ele proprio, a extensão da espantosa calamidade. O incendio tomara proporções indesejáveis. Seus conselheiros menos dignos não puderam pressentir a amplitude do desastre. Arrancado, á pressa, dos seus prazeres criminosos, o imperador chegou a tempo de observar o ultimo dia de fogo, verificando o carater da medida odiosa. Dirigindo-se a um dos pontos mais elevados, contemplou o montão de ruínas e sentiu a gravidade da situação. O extermínio da propriedade particular atingira proporções quasi infinitas. Não se pudera prever tão dolorosas consequências. Reconhecendo a irritação justa do povo, Nero procurou falar, em público, esboçando algumas lágrimas na sua profunda capacidade de dissimulação. Prometeu auxiliar a restauração das casas particulares, declarou que compartilhava do sofrimento geral e que Roma se levantaria novamente sobre os escombros fumegantes, mais imponente e mais bela. Imensa multidão ouvia-lhe a palavra, atenta aos seus mínimos gestos. O im-

perador, na sua mímica teatral, assumia atitudes comovedoras. Referia-se aos santuários perdidos, debulhado em pranto. Invocava a proteção dos deuses, a cada frase de maior efeito. A turba sensibilizara-se. Jamais o César se mostrara tão paternalmente comovido. Não seria razoável duvidar das suas promessas e observações. Em dado instante, a sua palavra vibrou mais patética e expressiva. Comprometia-se, solenemente, com o povo, a punir inexoravelmente os responsáveis. Procuraria os incendiários, vingaria a desgraça romana sem piedade. Rogava, mesmo, a todos os habitantes da cidade cooperassem com ele, procurando e denunciando os culpados.

Nesse interim, quando o verbo imperial se tornara mais significativo, notou-se que a massa popular se agitava estranhamente. Maioria esmagadora irmanava-se, agora, num grito terrível:

— Cristãos ás feras! A's feras!

O filho de Agripina encontrara a solução que procurava. Ele que procurava, em vão, no espírito superexcitado, as vítimas novas das suas maquinações execrandas, ás quais pudesse atribuir a culpa dos sucessos lamentáveis, viu no brado ameaçador da turba uma resposta ás próprias cogitações sinistras. Nero conhecia o ódio que o vulgo votava aos seguidores humildes do Nazareno. Os discípulos do Evangelho mantinham-se alheios e superiores aos costumes dissolutos e brutais da época. Não frequentavam os circos, afastavam-se dos templos pagãos, não se prosternavam diante dos ídolos nem aplaudiam as tradições políticas do Imperio. Além disso, prégavam ensinamentos estranhos e pareciam aguardar um novo reino. O grande histrião do Palatino sentiu uma onda de alegria invadir-lhe os olhos miopes e congestos. A escolha do povo romano não poderia ser melhor. Os cristãos deviam ser mesmo os criminosos. Sobre eles deveria cair o gládio vingador. Trocou um olhar inteligente com Tigelinus, como a exprimir que haviam apanhado, ao acaso, a solução imprevista e logo afirmou á massa enfurecida que tomara providencias immediatas para reprimir os abusos e castigar os culpados da catástrofe; finalmente, que o incen-

dio seria considerado crime de lesa-majestade e sacrilégio, para que os castigos tambem fôsem excepcionais.

O povo aplaudia freneticamente, antegozando as sensações do circo, com esgares de feras e canticos de martírio.

A nefanda acusação pesou sobre os discípulos de Jesus, como fardo hediondo.

As primeiras prisões realizaram-se como flagelo maldito. Numerosas familias refugiaram-se nos cemitérios e nos arredores da cidade meio-destruida, reccosas dos algozes implacaveis. Praticava-se toda a espécie de abusos. Jovens indefesas eram entregues, nos cárceres, ao instinto feroz de soldados sem entranhas. Anciãos respeitaveis conduzidos á enxovia, sob algemas e pancadas. Os filhos arrancados do colo maternal, entre lágrimas e apelos comovedores. Tempestade sinistra caíra sobre os seguidores do Crucificado, que se submetiam a punições injustas, de olhos postos no céu.

De nada valeram, para Nero, as ponderações dos patricios illustres, que ainda cultivavam as tradições de prudencia e honestidade. Quantos se aproximaram da autoridade imperial, com a valiosa contribuição de alvires justos, eram declarados suspeitos, agravando a situação.

O filho de Agripina e seus áulicos immediatos deliberaram que se oferecesse ao povo o primeiro espetáculo no principio de Agosto de 64, como positiva demonstração das providencias officiais, contra os supostos autores do nefando atentado. As demais vítimas, isto é, todos os prisioneiros que chegassem ao cárcere depois da festa inicial, serviriam de ornamento aos futuros regosijos, á medida que a cidade pudesse recompôr-se com as novas construções em perspectiva. Para isso, determinara-se a reedificação immediata do Grande Circo. Antes de atender ás proprias necessidades da Corte, o imperador desejava as simpatias do povo ignorante e sofredor, alimentando o que pudesse satisfazer seus estranhos caprichos.

A primeira carnificina, destinada a distrair o ânimo popular, foi levada a efeito em jardins imensos, na parte que permanecera imune da destruição, por entre orgias

indecorosas, de que participaram a plebe e a grande fração do patriciado que se entregara á dissolução e ao desregramento. A festividade prolongou-se por noites sucessivas. A' claridade de esplendida iluminação, orquestras numerosas inundavam o ar de melodias enternecedoras. Nos lagos artificiais deslisavam barcos graciosos, artisticamente iluminados. No seio da paisagem, favorecida pelas sombras da noite, que as tochas poderosas não conseguiam afastar de todo, repastava-se a devassidão em jôgo franco. Ao lado das expressões festivas, enfileiravam-se as do martírio dos pobres condenados. Os cristãos eram entregues ao povo para o castigo que ele julgasse mais justo. Para isso, com intervalos regulares, os jardins estavam cheios de cruzes, de postes, de açoites e numerosos instrumentos outros de flagelação. Havia guardas imperiais para auxiliar as atividades punitivas. Em fogueiras preparadas, encontravam-se agua e azeite fervente, bem como pontas de ferro em brasa, para os que desejassem aplica-las.

Os gemidos e soluços dos desgraçados casavam-se ironicamente com as notas harmoniosas dos alaúdes. Uns expiavam entre lágrimas e preces, aos apupos do povo; outros, entregavam-se estoicamente ao martírio, contemplando o céu alto e estrelado.

A linguagem mais forte será pobre para traduzir as dores imensas da grei cristã, naqueles dias angustiosos. Nada obstante os tormentos inenarráveis, os seguidores fiéis de Jesus revelaram o poder da fé áquela sociedade perversa e decadente, afrontando as torturas que lhes cabiam. Interrogados nos tribunais, em momento tão tragico, declaravam abertamente sua confiança em Cristo Jesus, aceitando os sofrimentos com humildade, por amor ao seu nome. Aquele heroísmo parecia acirrar, ainda mais, os animos da multidão animalizada. Inventavam-se novos generos de suplicio. A perversidade apresentava, diariamente, numerosos novos em sua venenosa facundia. Mas os cristãos pareciam possuidos de energias diferentes das conhecidas nos campos de batalhas sanguinolentas. A paciencia invencível, a fé poderosa, a capacidade moral de resistencia,

assombravam os mais afoitos. Não foram poucos os que se entregaram ao sacrificio cantando. Muita vez, diante de tanta coragem, os verdugos improvisados temeram o misterioso poder triunfante da morte.

Terminada a chacina de agosto, com grande entusiasmo popular, continuou a perseguição sem tréguas, para que não faltasse o contingente de vítimas nos espetáculos periódicos, oferecidos ao povo em regosijo pela reconstrução da cidade.

Diante das torturas e da carnificina, o coração de Paulo de Tarso sangrava de dor. A tormenta operara confusão em todos os setores. Os cristãos do Oriente, em sua maioria, trabalhavam por desertar do campo da luta, forçados por circunstancias imperiosas da vida particular. O velho Apóstolo, entretanto, unindo-se a Pedro, reprovava essa atitude. A' exceção de Lucas, todos os cooperadores diretos, conhecidos desde a Asia, haviam regressado. O ex-tecelão, todavia, fazendo causa comum com os desamparados, fez questão de assisti-los no transe inaudito. As igrejas domésticas estavam silenciosas. Fechados os grandes salões alugados na Suburra para as pregações da doutrina. Restava aos seguidores do Mestre apenas um meio de se entreverem e se reconfortarem na prece e nas lágrimas comuns: era as reuniões nas catacumbas abandonadas. E a verdade é que não poupavam sacrificios para acorrer a esses lugares tristes e ermos. Era nesses cemitérios esquecidos que encontravam o conforto fraternal, para o momento trágico que os visitava. Ali oravam, comentavam as luminosas lições do Mestre e hauriam novas forças para os testemunhos impendentes.

Amparando-se em Lucas, Paulo de Tarso enfrentava o frio da noite, as sombras espessas, os caminhos ásperos. Enquanto Simão Pedro cogitava de atender a outros setores, o ex-rabino encaminhava-se aos antigos sepulcros, levando aos irmãos aflitos a inspiração do Mestre Divino, que lhe borbilhava na alma ardente. Muitas vezes as pregações se realizavam alta madrugada, quando soberano silencio dominava a natureza. Centenas de discípulos escutavam a palavra luminosa do velho Apóstolo dos gentios, experimentando o poderoso

influxo da sua fé. Nesses recintos sagrados, o convertido de Damasco associava-se aos cânticos que se misturavam de prantos dolorosos. O espírito santificado de Jesus, nesses momentos, parecia pairar na frente daqueles mártires anónimos, infundindo-lhes esperanças divinas.

Dois meses haviam decorrido, após a festa hedionda e o movimento das prisões aumentava dia-a-dia. Esperavam-se grandes comemorações. Alguns edifícios nobres do Palatino, reconstruídos em linhas sóbrias e elegantes, reclamavam homenagens dos poderes públicos. As obras de reedificação do Grande Circo estavam adiantadíssimas. Era imprescindível programar festejos condignos. Para esse fim, os cárceres estavam repletos. Não faltariam figurantes para as cenas trágicas. Projeta-se naumaquias pitorescas, bem como caçadas humanas no circo, em cuja arena seriam igualmente representadas peças famosas de sabor mitológico.

Os cristãos oravam, sofriam, esperavam.

Certa noite, Paulo dirigia aos irmãos a palavra afetuosa, no comentário do Evangelho de Jesus. Seus conceitos pareciam, mais que nunca, divinamente inspirados. As brisas da madrugada penetravam a caverna mortuária, que se iluminava de algumas tochas bruxoleantes. O recinto estava repleto de mulheres e crianças, ao lado de muitos homens embuçados.

Depois da prégação comovedora, ouvida por todos, com os olhos molhados de lágrimas, o ex-tecelão de Tarso perorava solícito:

— Sim, irmãos, Deus é mais belo nos dias trágicos. Quando as sombras ameaçam o caminho, a luz é mais preciosa e mais pura. Nestes dias de sofrimento e morte, quando a mentira destronou a verdade e a virtude foi substituída pelo crime, lembremos Jesus no madeiro infamante. A cruz tem, para nós outros, uma divina mensagem. Não desdenhemos o testemunho sagrado, quando o Mestre, não obstante imáculo, só alcançou neste mundo batalhas silenciosas e sofrimentos indefiníveis. Fortaleçamo-nos na idéia de que seu reino ainda não é deste mundo. Alcemos o Espírito à esfera do seu

amor imortal. A cidade dos cristãos não está na Terra; ela não poderia ser a Jerusalém que crucificou o Enviado Divino, nem a Roma que se compraz em derramar o sangue dos mártires. Neste mundo, estamos em uma frente de combate incruento, trabalhando pelo triunfo eterno da paz do Senhor. Não esperemos, portanto, repousar no lugar do trabalho e dos testemunhos vivos. Da cidade indestrutível da nossa fé, Jesus nos contempla e balsamiza o coração. Caminhemos ao seu encontro, através dos suplicios e das perplexidades dolorosas. Ele ascendeu ao Pai, do cimo do Calvário; nós lhe seguiremos as pégadas aceitando com humildade os sofrimentos que, por seu amor, nos foram reservados...

O auditorio parecia estático, ouvindo as palavras proféticas do Apóstolo. Entre as lajes frias e impassíveis, os irmãos na fé sentiam-se mais unidos entre si. Em todos os olhares cintilava a certeza da vitória espiritual. Naquelas expressões de dor e de esperança havia o tácito compromisso de seguir o Crucificado até o seu Reino de Luz.

O orador fizera uma pausa, sentindo-se dominado por estranhas comoções.

Nesse instante inesquecível, um magote de guardas rompeu afoito no recinto. O centurião Volumnio, à testa da patrulha armada fazia intimações em alta voz, enquanto os crentes pacíficos estarreciam surpresos.

— Em nome de Cesar! — bradava o preposto imperial, exultando de contentamento. E ordenando aos soldados que fechassem o círculo em tórno dos cristãos indefesos, continuava gritando de modo espetacular. — E que ninguém fuja! Quem o tentar, morre como um cão!

Apoiando-se a forte cajado, pois, nessa noite não tivera a companhia de Lucas, Paulo erecto, evidenciando sua energia moral, exclamou firmemente:

— E quem vos disse que fugiríamos? Ignorais, porventura, que os cristãos conhecem o Mestre a quem servem? Sois emissário de um príncipe do mundo, que estes sepulcros esperam; mas nós somos trabalhadoras do Salvador magnanimo e imortal!...

Volumnio fitou-o surpreso. Quem seria aquele ve-

lho, cheio de energia e combatividade? A-pesar-da admiração que lhe inspirava, o centurião manifestou seu desagrado num sorriso de ironia. Medindo o ex-rabino de alto a baixo, com olhar de profundo desprezo acrescentou:

— Atentem bem no que aqui dizem e fazem...

E depois de uma gargalhada, dirigiu-se a Paulo com insolencia:

— Como ousas afrontar a autoridade de Augusto? Devem existir de fato, diferenças singulares entre o imperador e o crucificado de Jerusalém. Não sei onde estaria seu poder de salvação para deixar suas vítimas ao abandono, no fundo dos cárceres ou nos postes do martírio...

Essas palavras eram pontilhadas de mordaz ironia, mas o Apóstolo respondeu com a mesma nobreza de convicção:

— Enganai-vos, centurião! As diferenças são apreciáveis!... E' que vós obedecéis a um infeliz e odioso perseguidor e nós trabalhamos por um salvador que ama e perdoa. Os administradores romanos, impensadamente, poderão inventar crueldades; mas Jesus nunca cessará de nutrir a fonte das bênçãos!...

A resposta produziu grande sensação no auditório. Os cristãos pareciam mais calmos e confiantes, os soldados não ocultavam a enorme impressão que os dominava. O centurião, embora reconhecendo o desassombro daquele espírito varonil, não queria parecer fraco aos olhos dos subalternos e exclamou irritado:

— Vamos, Lucílio: três bastonadas neste velho atrevido.

O nomeado avançou para o Apóstolo impassível. Ante a admiração silenciosa dos presentes, o bastão zuniu no ar, bateu em cheio no rosto do apóstolo que, nem por isso, se alterou. As três pancadas foram rápidas; no entanto, um filete de sangue lhe escorria da face dilacerada.

O ex-rabino, a quem haviam tomado o cajado de apoio, mantinha-se de pé com certa dificuldade, mas sem trair o bom ânimo que lhe caracterizava a alma enérgica. Fixou os verdugos com firmeza e sentenciou:

— Não podeis ferir senão o corpo. Podereis amarrar-me pés e mãos; quebrar-me a cabeça, mas as minhas convicções são intangíveis, inacessíveis aos vossos processos de perseguição.

Diante de tanta serenidade, Volumnio quasi recuou aterrado. Não podia compreender aquela energia moral que se lhe deparava aos olhos cheios de espanto. Começava a acreditar que os cristãos, desprotegidos e anónimos, retinham um poder que a sua intelligencia não lograva atingir. Impressionando-se com semelhante resistencia, organizou, ás pressas, as filas dos pobres perseguidos, que, humildes, obedeciam sem vacilar. O velho Apóstolo tarsense tomou lugar entre os prisioneiros sem trair o mínimo gesto de enfado ou rebeldia. Observando atentamente a conduta dos guardas, exclamou, quando se deslocava o bloco de vítimas e verdugos, ao primeiro contacto com o relento frio da madrugada:

— Exigimos o máximo respeito para com as mulheres e crianças!...

Ninguém ousou responder á observação, articulada em tom grave de advertencia. O proprio Volumnio parecia obedecer inconcientemente ás admoestações daquele homem de fé poderosa e invencível.

O grupo marchou em silencio, atravessando as estradas desertas e chegando á Prisão Mamertina quando listravam o horizonte os primeiros clarões da aurora.

Atirados, préviamente, num páteo escuro, até serem alojados individualmente nas divisões gradeadas e infectas, os discípulos do Senhor aproveitaram esses momentos rápidos para conforto mútuo, para trocarem idéias e conselhos edificantes.

Paulo de Tarso, todavia, não descansou. Solicitou audiencia ao administrador da Prisão, prerrogativa conferida ao seu título de cidadania romana, sendo prestes atendido. Expôs sua doutrina sem reboços e, impressionando a autoridade com seu verbo fluente e sedutor, encareceu as providencias atinentes ao seu caso, pedindo a presença de vários amigos como Acácio Domitius e outros, para deporem no concernente á sua conduta e antecedentes honestos. O administrador vacilava na re-

solução a tomar. Tinha ordens terminantes de recolher ao cárcere todos os componentes de assembléas que se filiassem á crença perseguida e execrada. No entanto, as determinações de ordem superior continham certas restrições, no sentido de preservar, de algum modo, os "humilliores" (1), aos quais a Côrte oferecia recursos de liberdade, caso prestassem juramento a Júpiter, abjurando o Cristo Jesus. Examinando os títulos de Paulo e conhecendo, através de seus informes verbais as prestigiosas relações de que podia dispor nos círculos romanos, o chefe da Prisão Mamertina resolveu consultar Acácio Domitius, sôbre as providencias cabíveis no caso.

Chamado ao estudo da questão, o amigo do apóstolo compareceu solícito, procurando falar com o prisioneiro depois de longa entrevista com o diretor da prisão.

Domitius explicou ao bemfeitor que a situação era muito grave; que o Prefeito dos Pretorianos estava investido de plenos poderes para dirigir a campanha como melhor entendesse; que toda a prudencia era indispensavel e que, como último recurso, só restava um apêlo á magnanimidade do imperador, perante quem o Apóstolo deveria comparecer para defender-se pessoalmente, caso fôsse deferida a petição apresentada a Cesar naquele mesmo dia.

Ouvindo essas ponderações, o ex-rabino recordou que uma noite, em meio á tempestade, entre a Grecia e a Ilha de Malta, ouvira a voz profética de um mensageiro de Jesus, que lhe anunciava o comparecimento perante Cesar, sem esclarecer os motivos do evento. Não seria aquele o momento previsto? Milhares de irmãos estavam presos ou em extrema desolação. Acusados de incendiários, não haviam encontrado uma voz firme e resoluta que lhes advogasse a causa com o preciso dessassombro. Percebia em Acácio a preocupação pela sua liberdade; mas, por trás das insinuações delicadas, havia um convite discreto para que ocultasse a sua fé perante o imperador, na hipótese de ser admi-

(1) "Humilliores" eram as pessoas de condição humilde sem qualquer título de dignidade social. — (Nota de EMMANUEL).

tido á real entrevista. Compreendia os receios do amigo, mas, intimamente, desejava alcançar a presença de Nero, a fim de esclarece-lo quanto aos sublimes princípios do Cristianismo. Constituir-se-lhe advogado dos irmãos perseguidos e desditosos. Afrontaria de face a tirania ovante, clamaria pela retificação do seu ato injusto. Se fôsse novamente preso, voltaria ao cárcere com a consciencia edificada no cumprimento de um sagrado dever.

Depois de rápida meditação sôbre a conveniencia do recurso que lhe parecia providencial, insistiu com Domitius para que o patrocinasse com os empenhos ao seu alcance.

O amigo do Apóstolo multiplicou atividades pessoais para alcançar os fins em vista. Valendo-se do prestigio de todos os que viviam em condições de subalternidade junto do imperador, conseguiu a desejada audiencia para que Paulo de Tarso se defendesse, como convinha, no apelo direto á autoridade de Augusto.

No dia aprazado, foi conduzido entre guardas, á presença de Nero, que o recebeu curioso num vasto salão onde costumava reunir os favoritos ociosos da sua Côrte criminosa e bizarra. Interessava-lhe a personalidade do ex-rabino. Queria conhecer o homem que mobilizara grande número de seus intimos para apoiar-lhe o recurso. A presença do Apóstolo dos gentios causou-lhe enorme decepção. Que valor poderia ter aquele velho insignificante e franzino? Ao lado de Tigelinus e de outros conselheiros perversos, fixou ironicamente a figura de Paulo. Era incrível tamanho interesse em tórno de uma criatura tão vulgar. Quando se dispunha a recambia-lo á prisão sem lhe ouvir o apêlo, um dos áulicos lembrou que seria conveniente facultar-lhe a palavra, para que se lhe aferisse a indigencia mental. Nero que jamais perdia ocasião de ostentar suas presunções artisticas, considerou o alvitre bem apresentado e ordenou ao prisioneiro que falasse á vontade:

Ladeado por dois guardas, o inspirado pégador do Evangelho levantou a frente com nobreza, fitou Cesar e os companheiros do seu séquito leviano e começou,

resoluto:

— Imperador dos romanos, compreendo a grandeza desta hora em que vos falo, apelando para os vossos sentimentos de generosidade e justiça. Não me dirijo, aqui, a um homem falível, a uma personalidade humana, simplesmente, mas ao administrador que deve ser consciencioso e justo, ao maior dos príncipes do mundo e que, antes de tomar o cetro e a corôa de um império imenso, deve considerar-se o pai magnânimo de milhões de criaturas!...

As palavras do velho apóstolo ecoavam no recinto com o caráter de uma profunda revelação. O imperador fixava-o, admirado e enternecido. Seu temperamento caprichoso era sensível às referências pessoais, onde predominassem as imagens brilhantes. Percebendo que se impunha ao reduzido auditório, o convertido de Damasco prosseguiu mais corajoso:

— Confiando em vossa longanimidade, pleiteei esta hora inesquecível, a-fim-de apelar para o vosso coração, não somente por mim mas por milhares de homens, mulheres e crianças, que padecem nos cárceres ou succumbem nos circos do martírio. Falo, aqui, em nome dessa multidão incontável de sofreadores, perseguida com requintes de crueldade por favoritos de vossa Côrte, que deveria ser constituída de homens íntegros e humanitários. Acaso não chegarão aos vossos ouvidos os lamentos angustiosos da viuvez, da velhice e da orfanidade? O' Augusto imperante do trono de Claudío, sabeis que uma onda de perversidades e crimes odiosos varre os bairros da cidade imperial, arrancando soluços dolorosos aos vossos tutelados miserandos! Ao lado da vossa atividade governamental, por certo, rastejam víboras venenosas que é necessário extirpar, a bem da tranquilidade e do trabalho honesto do vosso povo. Esses cooperadores perversos desviam vossos esforços do caminho réto, espalham o terror entre as classes desfavorecidas da sorte, ameaçam os mais infelizes! São eles os acusadores dos prosélitos de uma doutrina de amor e redenção. Não acrediteis no embuste dos seus conselhos que requeimam crueldade. Ninguém trabalhou, talvez, quanto os cristãos, no socorro às vítimas do incendio

voraginoso. Enquanto os patricios illustres fugiam de Roma desolada, enquanto os mais tímidos se recolhiam aos lugares mais abrigados de perigo, os discípulos de Jesus percorriam os quarteirões em chamas, aliviando as vítimas infortunadas. Alguns imolaram a vida ao altruísmo dignificador. E por fim, vêde, os trabalhadores sinceros do Cristo foram recompensados com a pecha de autores do crime hediondo, de caluniadores sem entranhas. Acaso, não vos doeu a consciência ao endossar tão infames alegações, á revelia de uma sindicancia imparcial e rigorosa? No enfervilhar das calúnias, não vi surgir uma voz que vos esclarecesse. Admito que participais, cértamente, de tão trágicas ilusões, porque não creio no desvirtuamento da vossa autoridade reservada ás melhores resoluções em favor do Império. E' por isso — ó imperador dos romanos! — que, reconhecendo o grandioso poder enfeixado em vossas mãos, ousou levantar minha voz para esclarecer-vos. Atentai para a extensão gloriosa de vossos deveres. Não vos entregueis á sanha de políticos inconcientes e cruéis. Lembrai-vos de que, numa vida mais elevada que esta, ser-vos-ão pedidas contas de vossa conduta nos atos públicos. Não alimenteis a pretensão de que vosso cétro seja eterno. Sois mandatario de um Senhor poderoso, que reside nos céus. Para vos convencerdes da singularidade de semelhante situação, volvei um olhar, apenas, ao passado brumoso. Onde os vossos antecessores? Em vossos palácios faustosos perambularam guerreiros triunfantes, reis improvisados, herdeiros vaidosos de suas tradições. Onde estão eles? A história nos conta que chegaram ao trono com os aplausos delirantes das multidões. Vinham soberbos, ostentando magnificencias nos carros do triunfo, decretando a morte dos inimigos, adornando-se com os despojos sangrentos das vítimas. Entretanto, bastou um sôpro para que resvalassem do esplendor do trono para a escuridão do sepulcro. Uns partiram pelas consequencias fatais dos proprios excessos destruidores; outros assassinados pelos filhos da revolta e do desespero. Recordando semelhante situação, não desejo transformar o culto da vida em culto da morte, mas demonstrar que a fortuna suprema do

homem é a paz da consciência pelo dever cumprido. Por todas essas razões, apêlo para a vossa magnanimidade, não só por mim como por todos os correligionários que gemem á sombra dos cárceres, esperando o gládio da morte!...

Observando-se longa pausa no verbo eloquente do orador, podia ver-se a estranha sensação que a sua palavra havia causado. Nero estava lívido. Tigelinus, profundamente irritado, procurava um recurso para insinuar-se com alguma observação menos digna, a respeito do postulante. As raras cortezãs presentes não disfarçavam a indizível comoção que lhes abalara o sistema nervoso. Os amigos do Prefeito dos Pretorianos mostravam-se indignados, rubros de cólera. Depois de ouvir um áulico, o imperador ordenou que o apelante se conservasse em silencio, até que tomasse as primeiras deliberações.

Estavam todos surpreendidos. Não se podia esperar de um velho franzino e doente tamanho poder de persuasão, um desassombro que raiava pela loucura, segundo as noções do patriciado. Por muito menos, velhos e probos conselheiros da Córte haviam alcançado o exílio ou a sentença de morte.

O filho de Agripina parecia abalado. Não mais assestava no ôlho a impertinente esmeralda, á guisa de monóculo. Tinha a impressão de haver escutado sinistros vaticínios. Entregava-se, automaticamente, aos seus gestos característicos quando impressionado e nervoso. As advertências do Apóstolo penetravam-lhe o coração, suas palavras pareciam ecoar-lhe nos ouvidos para sempre. Tigelinus percebeu a delicadeza da situação e aproximou-se.

— Divino — exclamou o Prefeito dos Pretorianos em attitude servil, a voz quasi imperceptível — se quiserdes, o atrevido poderá morrer aqui mesmo, ainda hoje!

— Não, não — redarguiu Nero comovido — este homem é dos mais perigosos que tenho encontrado. Ninguém ousou comentar a presente situação nestes termos. Vejo, por detrás da sua palavra, muitos vultos talvez eminentes, que, conjugando valores, poderiam fazer-me grande mal.

— Concorde — disse o outro hesitante, em voz muito baixa.

— Assim, pois, — continuou o imperador prudentemente — é preciso parecer magnanimo e sagaz. Dar-lhe-ei o perdão, por agora, recomendando que não se afaste da cidade, até que se esclareça de todo a situação dos seguidores do cristianismo...

Tigelinus escutava com um sorriso ansioso, enquanto o filho de Agripina rematava em voz sumida:

— Mas vigiarás seus menores passos, mante-lo-ás em custódia oculta, e quando vier a festividade da reconstrução do Grande Circo, aproveitaremos a oportunidade para despachá-lo a lugar distante, onde deverá desaparecer para sempre.

O odioso Prefeito sorriu e acentuou:

— Ninguém resolveria melhor o intrincado problema.

Terminada a breve conversação, imperceptível aos demais, Nero declarou com enorme surpresa dos palacianos, conceder ao apelante a liberdade que pleiteava em sua primeira defesa, mas reservava o ato de absolvição para quando se apurasse definitivamente a responsabilidade dos cristãos. Dessarte, o defensor do cristianismo poderia permanecer em Roma, á vontade, submetendo-se, contudo, ao compromisso de não se ausentar da séde do Império, até que seu caso pessoal fôsse bastantemente esclarecido. O Prefeito dos Pretorianos lavrou a sentença em pergaminho. Paulo de Tarso, por sua vez, estava confortado e radiante. O caviloso monarca pareceu-lhe menos mau, digno de amizade e reconhecimento. Sentia-se possuído de grande alegria, por isso que os resultados da sua primeira defesa eram de molde a proporcionar nova esperança aos seus irmãos na fé.

Paulo retornou ao cárcere, ficando o administrador notificado das últimas disposições a seu respeito. Só então lhe deram liberdade.

Assaz esperançado, procurou os amigos; mas, por toda parte, só encontrava desoladoras notícias. A maioria dos colaboradores mais intimos e prestimosos havia

desaparecido, presos ou mortos. Muitos haviam debandado, temerosos do extremo sacrifício. Por fim, sempre teve a satisfação de reencontrar Lucas. O piedoso médico informou-o dos acontecimentos dolorosos e trágicos que se repetiam, diariamente. Ignorando que um guarda o seguia de longe, para lhe situar a nova residência, Paulo acompanhado do amigo, atingiu uma casa pobre nas proximidades da Porta Capena. Necessitando repousar e fortalecer o corpo debilitado, o velho pregador procurou dois generosos irmãos, que o receberam com imensa alegria. Tratava-se de Lino e Claudia, dedicados servidores de Jesus.

O Apóstolo dos gentios instalou-se no lar pobre, com a obrigação de comparecer á Prisão Mamertina, de três em três dias, até que se aclarasse a situação, de modo definitivo.

Não obstante o consôlo de que se sentia possuído, o venerável amigo do gentilismo experimentava singulares presságios. Surpreendia-se a refletir no coroa-mento da carreira apostólica como se nada mais lhe restasse senão morrer por Jesus. Combatia tais pensamentos, no propósito de continuar propugnando pela difusão dos ensinamentos evangélicos. Não mais pôde encaminhar-se á pregação das catacumbas, dada a prostração física, mas valia-se da colaboração afetuosa e dedicada de Lucas para as epístolas que julgava necessárias. Nessas, inclue-se a derradeira carta que escreveu a Timóteo, aproveitando dois amigos que partiram para a Ásia. Paulo escreve esse último documento ao discípulo muito amado, tomando-se de singulares emoções que lhe encham os olhos de lágrimas abundantes. Sua alma generosa deseja confiar ao filho de Eunice as últimas disposições, mas luta consigo mesmo, de modo a não se dar por vencido na luta. O ex-rabino ao traçar conceitos afetuosos, sente-se qual discípulo chamado a esferas mais altas, sem poder furtar-se á condição de homem que não deseja capitular na luta. Ao mesmo tempo que confia a Timóteo a convicção de haver terminado a carreira, pede-lhe que envie a ampla capa de couro deixada em Troade, em casa de Carpo, visto ne-

cessitar de agasalho para o corpo abatido. Enquanto lhe envia as ultimas impressões cheias de prudencia e carinho, roga os seus bons officios para que João Marcos venha á séde do Império para auxilia-lo no serviço apostólico. Quando a mão trêmula e rugosa escreve melancolicamente: — "Só Lucas está comigo" (1), o convertido de Damasco interrompe-se para chorar sobre os pergaminhos. Nesse instante, porém, sente afagar-lhe a fronte um como flabelo de asas que adejassem de leve. Brando confôrto invade-lhe o coração amoroso e intrepido. Nesse ponto da carta, recobra novo ânimo e volta a demonstrar decisão de luta, terminando com as recomendações atinentes ás necessidades da vida material e aos seus labores evangélicos.

Paulo de Tarso, entretanto, entrega a missiva a Lucas para expedi-la, sem conseguir disfarçar os seus lugubres pressentimentos. Em vão, o carinhoso médico e devotado amigo procura desfazer aquelas apreensões. Debalde Lino e Claudia tentam distraí-lo.

Embora não abandonasse os trabalhos condizentes com a nova situação, o velho Apóstolo mergulhou-se em profundas meditações, das quais apenas se forrava para atender ás necessidades triviaes.

Efetivamente, decorridas algumas semanas após a carta a Timóteo, um grupo armado visitou a residência de Lino, depois de meia noite, na véspera das grandes festividades com que a administração pública desejava assinalar a reconstrução do Grande Circo. O dono da casa, a esposa e Paulo de Tarso foram presos, escapando Lucas pelo fato de pernoitar em outra parte. As três vítimas foram conduzidas a um cárcere do monte Esquilino, dando provas de poderosa fé á face do martírio que começava.

O Apóstolo foi atirado a uma cela escura e incommunicavel. Os proprios soldados se intimidavam da sua coragem. Ao despedir-se de Lino e sua mulher, enquanto esta se desfazia em lágrimas, o valoroso pregador abraçava-os, dizendo:

(1) II Epistola a Timóteo: 4-11 (Nota de EMMANUEL).

— Tenhamos coragem. Esta deve ser a última vez em que nos saudamos com os olhos materiais; mas havemos de nos avistar no reino do Cristo. O poder tirânico de Cesar não atinge senão o corpo miserável...

Em virtude da ordem expressa de Tigelinus, o prisioneiro ficou isolado de todos os companheiros.

Na escuridão do cárcere, que mais se assemelhava a uma cova húmida, deu um balanço retrospectivo a todas as atividades de sua vida, entregando-se a Jesus, inteiramente confiado na sua divina misericórdia. Desejou sinceramente permanecer junto dos irmãos que, por certo, se destinavam aos espetáculos nefandos do dia imediato, esperando com eles comungar a hóstia dos martírios, quando chegasse a hora extrema.

Não pôde dormir, a considerar as horas transcorridas desde o momento da prisão, e concluiu que o dia do sacrifício estaria iminente. Nem uma réstea de luz penetrava o cubículo infecto e acanhado. Percebia, somente, vagos rumores longínquos, que lhe davam idéia da aglomeração popular nas vias públicas. As horas passaram em expectativas que pareciam intermináveis. Depois de angustioso cansaço, conseguiu algumas horas de sono. Acordou, mais tarde, já incapacitado de calcular as horas decorridas. Tinha sede e fome, mas orou com fervor, sentindo que fluíam brandas consolações para sua alma, das fontes da providência invisível. No fundo, estava preocupado com a situação dos companheiros. Um guarda o informara-o de que enorme contingente de cristãos seria levado ao circo e ele sofria por não ter sido chamado a perecer com os irmãos, na arena do martírio, por amor a Jesus. Mergulhado nessas reflexões, não tardou a sentir que alguém abria, cautelosamente, a porta da enxovia. Conduzido ao exterior, o ex-rabino defrontou seis homens armados que o aguardavam junto de um veículo de regulares proporções. Ao longe, no horizonte pontilhado de estrelas, delineavam-se os tons maravilhosos da madrugada próxima.

O Apóstolo, silencioso, obedeceu á escolta. Ataram-lhe as mãos calejadas, brutalmente, com grosseiras cordas. Um vigilante noturno, visivelmente embriagado,

aproximou-se e escarrou-lhe na face. O ex-rabino recordou os sofrimentos de Jesus e recebeu o insulto sem revelar o mínimo gesto de amor-proprio ofendido.

Mais uma ordem, tomou lugar no veículo, junto dos seis homens armados que o observavam, admirados de tanta serenidade e coragem.

Os cavalos trotaram lépidos como se quisessem atenuar a friagem húmida da manhã.

Chegados aos cemitérios que se enfileiravam ao longo da Via Appia, as sombras noturnas se desfaziam quasi completamente, auspiciando um dia de sol radioso.

O militar que chefiava a escolta mandou parar o carro e, fazendo descer o prisioneiro, disse-lhe hesitante:

— O Prefeito dos Pretorianos, por sentença de Cesar, ordenou que fôsseis sacrificado no dia imediato ao da morte dos cristãos votados ás comemorações do circo, realizadas ontem. Deveis saber, portanto, que estais vivendo os últimos minutos.

Calmos, olhos brilhantes e mãos amarradas, Paulo de Tarso que nada dissera até então, exclamou, surpreendendo os verdugos com a sua majestosa serenidade:

— Ciente da tarefa criminosa que vos incumbe desempenhar... Os discípulos de Jesus não temem os algozes que só lhes podem aniquilar o corpo. Não julgueis que vossa espada possa eliminar-me a vida, de vez que, vivendo estes fugazes minutos em corpo carnal, isso significa que vou penetrar, sem mais demoras, nos tabernáculos da vida eterna, com o meu Senhor Jesus Cristo, o mesmo que vos tomará contas, tanto quanto a Nero e Tigelinus!...

A patrulha sinistra estarrecia de assombro. Aquela energia moral no momento supremo, era de molde a abalar os mais fortes. Percebendo a surpresa geral e cioso do seu mandato, o chefe da escolta tomou a iniciativa do sacrifício. Os demais companheiros pareciam desorientados, nervosos, tremulos. O inflexível preposto de Tigelinus, porém, ordenou ao prisioneiro que desse vinte passos á frente. Paulo de Tarso caminhou serenamente, embora, no intimo, se recomendasse a Jesus,

compreendendo a necessidade de amparo espiritual para o testemunho supremo.

Ao chegar no local indicado, o sequaz de Tigelinus desembainhou a espada, mas, nesse instante, tremeu-lhe a mão fixando a vítima e falou-lhe em tom quasi imperceptível:

— Lastimo ter sido designado para este feito e intimamente não posso deixar de lamentar-vos...

Paulo de Tarso, erguendo a fronte quanto lhe era possível, respondeu sem hesitar:

— Não sou digno de lástima. Tende antes compaixão de vós mesmo, porquanto morro cumprindo deveres sagrados, em função de vida eterna; enquanto que vós ainda não podeis fugir ás obrigações grosseiras da vida transitória. Chorai por vós, sim, porque eu partirei buscando o Senhor da Paz e da Verdade, que dá vida ao mundo; ao passo que vós, terminada vossa tarefa de sangue, tereis de voltar á hedionda convivência dos mandantes de crimes tenebrosos da vossa época!...

O algoz continuava a fita-lo com assombro e Paulo, notando a tremura com que ele empunhava a espada, concitou resolute:

— Não tremais!... Cumprí vosso dever até o fim!

Um golpe violento fendeu-lhe a garganta, seccionando quasi inteiramente a velha cabeça que se nevara aos sofrimentos do mundo.

Paulo de Tarso caiu redondamente, sem articular uma palavra. O corpo alquebrado embolou-se no sólo, como um despojo horrendo e inutil. O sangue jorrava em golfões nas últimas contrações da agonia rápida, enquanto a expedição regressava penosamente muda, dentro da luz matinal e triunfante.

O valoroso discípulo do Evangelho sentia a angústia das derradeiras repercussões físicas; mas, aos poucos, experimentava uma sensação branda de alívio reparador. Mãos carinhosas e solícitas pareciam toca-lo de leve, como se arrancassem tão só, nesse contacto divino, as terríveis impressões dos seus amargurosos padecimentos. Tomado de surpresa, verificou que o transportavam a local distante e pensou que amigos generosos desejavam assisti-lo, em lugar mais conveni-

ente, para que lhe não faltasse a doce consolação da morte tranquila. Depois de alguns minutos as dores haviam desaparecido por completo. Guardando a impressão de permanecer á sombra de alguma árvore frondosa e amiga, experimentava a carícia das brisas matinais que passavam em lufadas frescas. Tentou levantar-se, abrir os olhos, identificar a paisagem. Impossível! Sentia-se fraco, qual convalescente de moléstia prolongada e gravíssima. Reuniu as energias mentais, como lhe foi possível e orou, supplicando a Jesus permitisse o esclarecimento de sua alma, naquella nova situação. Sobretudo, a falta de visão deixava-o submerso em angustiosa expectativa. Recordou os dias de Damasco, quando a cegueira lhe invadira os olhos de pecador, ofuscados pela luz gloriosa do Mestre. Lembrou o carinho fraternal de Ananias e chorou ao influxo daquellas singulares reminiscencias. Depois de grande esforço, conseguiu levantar-se e refletiu que o homem precisava servir a Deus, ainda que taceasse em densas trevas.

Foi aí que ouviu os passos de alguém que se aproximava de leve. Ocorreu-lhe súbitamente o dia inesquecível em que fôra visitado pelo emissário de Cristo, na pensão de Judas.

— Quem sois? — perguntou como o fizera outrora, naquele lance inolvidavel.

— Irmão Paulo... — começou a dizer o recém-chegado.

Mas o Apóstolo dos gentios, identificando aquella voz bem amada, interrompeu-lhe a palavra, bradando com júbilo inexprimível:

— Ananias!... Ananias!...

E caiu de joelhos, em pranto convulsivo.

— Sim, sou eu — disse a veneranda entidade pousando a mão luminosa na sua fronte — um dia Jesus mandou que te restituísse a visão, para que pudesses conhecer o caminho áspero dos seus discípulos e hoje, Paulo, concedeu-me a dita de abrir-te os olhos para a contemplação da vida eterna. Levanta-te! Já venceste os últimos inimigos, alcançaste a corôa da vida, atingiste novos planos da redenção!...

O Apóstolo levantou-se afogado em lágrimas de jubilosa gratidão, enquanto Ananias pousando a destra nos seus olhos apagados, exclamou com carinho:

— Vê, novamente, em nome de Jesus!... Desde a revelação de Damasco, dedicaste os olhos ao serviço do Cristo! Contempla, agora, as belezas da vida eterna, para que possamos partir ao encontro do Mestre amado!...

Então, o devotado trabalhador do Evangelho reconheceu as maravilhas que Deus reserva aos seus cooperadores no mundo cheio de sombras. Tomado de espanto, identificou a paisagem que o rodeava. Não longe estavam as catacumbas da Via Appia. Misteriosas fôrças o haviam afastado do quadro triste em que se decompunham os despojos sangrentos. Sentiu-se jovem e feliz. Compreendia, agora, a grandeza do corpo espiritual no ambiente estranho aos organismos da Terra. Suas mãos estavam sem rugas, a epiderme sem cicatrizes. Tinha a impressão de haver sorvido um misterioso elixir de juventude. Uma túnica de alvura resplandecente envolvia-o em graciosas ondulações. Mal despertava do seu deslumbramento quando alguém lhe bateu levemente no ombro: Era Gamaliél que lhe trazia um ósculo fraternal. Paulo de Tarso sentiu-se o mais ditoso dos séres. Abraçando-se ao velho mestre e a Ananias, num só gesto de ternura exclamava entre lágrimas:

— Só Jesus me poderia conceder alegria igual a esta!

Mal não acabara de o dizer, começaram a chegar velhos companheiros de lutas terrenas, amigos de outros tempos, irmãos desvelados que lhe vinham trazer as boas vindas, ao transpôr os umbrais da eternidade. Os deslumbramentos do Apóstolo sucediam-se ininterruptos. Como se ficassem em Roma, á sua espera, todos os mártires das festividades da véspera chegaram cantando, nas proximidades das catacumbas. Todos queriam abraçar o generoso discípulo, oscular-lhe as mãos. Nesse interim, dando a impressão de nascer em maravilhosas fontes do mais além, ouviu-se uma cariciosa melodia acompanhada de vozes argentinas, que deviam ser angelicas. Surpreendido com a beleza da composição, in-

traduzível na linguagem humana, Paulo ouvia o venerando amigo de Damasco que explicava solícito:

— Este é o hino dos prisioneiros libertados!...

Observando-lhe a intensa comoção, Ananias perguntou qual o seu primeiro desejo na esfera dos redimidos. Paulo de Tarso, intimamente recordou Abigail e os anelos sagrados do coração, como aconteceria a qualquer sêr humano; mas, integrado no ministério divino, que manda esquecer os caprichos mais singelos e sem trair a gratidão á misericórdia de Cristo, respondeu comovidamente:

— Meu primeiro desejo seria rever Jerusalém, onde pratiquei tantos males e, ali, orar a Jesus, para ofertar-lhe o meu agradecimento.

Tão depressa o disse e a luminosa assembléia se punha em movimento. Assombrado com o poder da volição, Paulo observava que as distancias nada representavam agora para as suas possibilidades espirituais.

De mais alto continuavam fluindo harmonias de sublimada beleza. Eram hinos que exaltavam a ventura dos trabalhadores triunfantes, e a misericórdia das bençãos do Todo Poderoso.

Paulo desejava imprimir á divina excursão o sabor de suas reminiscencias. Para esse fim, o grupo seguiu ao longo da Via Appia até Arícia, de onde se desviou em direção a Pouzzoles, em cuja igreja se deteve em preces, por alguns minutos de ventura inigualavel. Daí a caravana espiritual demandou a Ilha de Malta, transportando-se em seguida para o Pelopóneso, onde Paulo se extasiou na contemplação de Corinto, dando curso a recordações carinhosas e doces. Inflamados de entusiasmo fraternal, os componentes da caravana acompanhavam o valoroso discípulo no caminho das sagradas lembranças que lhe vibravam no coração. Atenas, Tessalônica, Filipes, Neapolis, Troade e Efeso foram pontos nos quais o Apóstolo estacionara, demoradamente, orando com lágrimas de gratidão ao Altíssimo. Atravessadas as zonas da Panfilia e da Cilícia, entraram na Palestina, tomados de júbilo e sagrado respeito. Em todos os caminhos incorporavam-se emissários e traba-

lhadores de Cristo. Paulo não conseguia avallar a alegria da chegada a Jerusalém, sob o prodigioso azul do crepúsculo.

Obedecendo ao alvitre de Ananias, reuniram-se no cimo do Calvário e ali cantaram hinos de esperança e de luz.

Lembrando os erros do passado amarguroso, Paulo de Tarso ajoelhou-se e elevou a Jesus fervorosa súplica. Os companheiros remidos recolheram-se em êxtase, enquanto ele transfigurado, em pranto, procurava exprimir a mensagem de gratidão ao Divino Mestre. Desenhou-se então, na tela do Infinito, um quadro de beleza singular. Como se houvera rasgado a umbela azul, imensurável, surgiu na amplidão do espaço uma senda luminosa e três vultos que se aproximavam radiantes. O Mestre estava no centro, conservando Estevam á direita e Abigail ao lado do coração. Deslumbrado, arrebatado, o Apóstolo apenas pôde estender os braços, porque a voz lhe fugia no auge da comoção. Lágrimas abundantes perolavam-lhe no rosto também transfigurado. Abigail e Estevam adiantaram-se. Ela tomou-lhe delicadamente as mãos num assomo de ternura, enquanto Estevam o abraçava com efusão.

Paulo quis lançar-se nos braços dos dois irmãos de Corinto, beijar-lhes as mãos no seu arroubo de ventura, mas, qual a criança dócil que tudo devesse ao mestre dedicado e bom, procurou o olhar de Jesus, para sentir-lhe a aprovação.

O Mestre sorriu, indulgente e carinhoso, e falou:

— Sim, Paulo, sê feliz! Vem, agora, a meus braços, pois é da vontade de meu Pai que os verdugos e os mártires se reúnem, para sempre, no meu reino!...

E assim unidos, ditosos, os fiéis trabalhadores do Evangelho da redenção seguiram as pégadas de Cristo, em demanda ás esferas da Verdade e da Luz...

Lá em baixo, Jerusalém contemplava, embevecida, o dilúculo vespertino, esperando o luar que não tardaria com os primeiros clarões...

FIM